

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ELIAS JOSÉ ELIAS
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Campanha de Hanseníase em Belmonte e Barrolândia - Projeto Decit (IOC/COC) – Cluster nº 4

Entrevistado – Elias José Elias (R)

Entrevistadores – Maria Leide W. de Oliveira (E2) e Laurinda Rosa Maciel (E)

Data – 30/07/2010

Local – Belmonte/BA

Duração – 1h35min

Responsável pela transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Responsável pela conferência de fidelidade – Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ELIAS, Elias José. *Elias José Elias. Entrevista de história oral concedida ao projeto Campanha de Hanseníase em Belmonte e Barrolândia - Projeto Decit (IOC/COC) – Cluster nº 4*, 2010. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 62p.

Data: 30/07/2010

Fita 1

E: Elias.

R: Exatamente.

E: Elias nome e Elias sobrenome.

R: Na frente e nos fundos. Risos

E2: Sobrenome e nome?

R: Não, sobrenome e nome.

E: Isso.

R: Elias sou eu. José é meu pai. E Elias é o meu nome, sobrenome do sobrenome do meu pai. Eu sou Elias José Elias.

E: Exatamente. E hoje é dia 30 de julho de 2010, nós estamos aqui na cidade de Belmonte e gostaríamos e conversar com o senhor José... Elias José Elias. (rindo) Então seu Elias, nós gostaríamos que o senhor falasse... Bom, o seu nome todo o senhor já falou, não é? E quando foi que o senhor nasceu, aonde, qual o nome dos seus pais, se o senhor teve irmãos, as primeiras lembranças de infância, essas coisas.

R: Olhe eu vim aqui por acaso, eu nasci em Ilhéus, pequeno. Lá nós ficamos...

E: O senhor nasceu quando?

R: Mil... Rapaz tem tantos anos!

E: (Risos)

R: 1927... Eu estou com 83 anos.

E: Em 1927. Exatamente.

R: 27, não é?

E: Que dia que era?

R: 26 de junho de 1927.

E: Junho, ok.

R: Nós morávamos em Ilhéus, a família toda. E meu pai quando veio da Síria, do Líbano, veio com um contingente grande de vamos dizer quase refugiados, não é? E aqui se acomodaram em Itabuna, em Ilhéus. E meu pai mais o senhor Alexandre vieram para aqui. Aqui seu Alexandre montou negócio e casou-se com uma senhora que era botadora de carta, cartomante, não é?

E: Certo.

R: Então viveram muitos anos, ficaram aqui. E ele era muito amigo de meu pai, então quis que me pai viesse para aqui. Meu pai era mascate, comprava em Caravela, etc., etc., e terminou

meu pai vindo para aqui. Quando chegou aqui já encontrou casa alugada, que o Alexandre, o tal amigo dele alugou casa, mobilhou, fez tudo, e viemos para aqui. Aqui viemos e aqui ficamos. Estou, até hoje estou aqui.

E: O senhor se lembra do nome todo desse Alexandre?

R: Alexandre Malaquias.

E: Alexandre Malaquias.

R: É.

E: Ele era árabe também?

R: Árabe.

E: Ah tá!

R: Era Libanês.

E: Era libanês.

R: É.

E: Então ele já estava aqui.

R: Já estava aqui radicado.

E: E o seu pai era amigo dele.

R: Era amigo dele.

E: E ele chamou para vir para cá?

R: Chamou para vir para cá.

E: Mas como que o seu pai foi, saiu do Líbano e foi parar em Ilhéus? O senhor sabe?

R: Saiu do Líbano?

E2: É por que ele veio para o Brasil?

E: Não... Vieram para o Brasil um contingente grande de libaneses, saíram até fugido de lá, não é? (pigarro)

E: Por questões de política...

R: Política.

R: Guerra, essas coisas.

R: Política. Naquele tempo era assim, não é? Depois vieram uma turma grande de libaneses da cidade onde eles moravam, não é?

E: Certo.

E2: E quando seu pai veio para cá o senhor já tinha nascido.

R: Já. Já.

E: Porque o senhor nasceu em Ilhéus. E o senhor tinha quantos irmãos?

R: Ah, éramos... Aqui no Brasil ficaram vivos 3. Éramos 10 homens. Foi morrendo, teve epidemia, teve isso, aquilo...

E: Irmãos do senhor?!

R: É. Éramos 10.

E: Quer dizer que quando seu pai veio para o Brasil ele já tinha filhos, ele já era casado?

R: Não, ele casou-se em Salvador com uma que era a minha mãe que era filha de árabe, era árabe, essa minha mãe nasceu no Líbano, não é?

E: Hum, hum.

R: E meu pai veio para aqui e se erradicou aqui, não é?

E: Certo.

E: E os seus irmãos?

R: Também. Aqui nasceu um. Dois já veio nascido, não é?

E: Sei. Vieram três.

E3: Então o senhor só tem dois irmãos?

R: Não. Vivo hoje eu tenho dois.

E: Certo, mas a família completa eram 10 filhos que o senhor falou.

R: Que chegamos aqui. E foram morrendo, tinha muita epidemia naquela época para lá, e tinha uma epidemia que eu não sei qual era o nome...

E: Febre amarela...

R: É mais ou menos... Aqui no Jequitinhonha dava muito Impaludismo

E: Ham, ham. Ah, Impaludismo!

R: Impaludismo aqui era o terror!

E2: E quando o senhor chegou para aqui o senhor tinha que idade?

R: Ah, eu podia ter uns 6 ou...

E: Ou 7 anos.

R: 5 a 7 anos.

E: Então foi por volta de 1930 e pouquinhos que o senhor chegou.

R: É. Mais ou menos.

E: E. Início da década de 30...

E3: Como era a cidade, o que o senhor se lembra dessa época?

R: Bom, a cidade... Hoje onde é o rio, era uma rua. Era o comércio, tinha bons prédios, boas casas. O rio foi comendo lá por cima, foi comendo, foi comendo, aí no tempo de Getúlio... Getúlio... Fizeram aquele cais. E derrubaram as ruas que tinham lá, não é? Para o lado de lá, foi uma rua que tinha boas casas, foi tudo embora, não é? Então fizeram o cais.

R: Para construir o cais.

E: É.

R: Construiu o cais, etc. e ficou aí até hoje.

E: Hum, hum. Sei, mas aí de pequeno que o senhor veio para cá e que depois nasceram outros irmãos, o senhor teve alguma irmã não.

R: Aqui só nasceu um.

E: Só nasceu um.

R: É. Meu pai fez 10 homens e uma mulher.

R: Nossa!

E: A mulher morreu e mais 9.

E: Entendi.

R: Morreram tudo com essa febre amarela, febre...

E: É. Impaludismo.

R: Impaludismo, era uma epidemia aqui, viu?

E2: É? E quando o senhor chegou aqui o senhor foi para escola, como que era?

R: Aqui?

E: É.

R: Eu cheguei aqui analfabeto, não fazia nem um O.

E: Mas o senhor era criança, uai!

E2: Era pequenininho. Nasceu analfabeto mesmo.

R: Quando eu cheguei aqui.

E: E como que era a escola.

R: Era escola de uma também leiga, não era formada, mas era uma professora.

E: Excelente professora.

R: É, eu aprendi tudo a ela, com ela.

E: O senhor se alfabetizou com ela.

R: Alfabetizei com ela. Depois que eu terminei, naquele tempo era 8 anos - Eu terminei a 8ª série eu fui estudar com o professor Lúcio Coelho, grande professor era tudo, era pintor, era...

E: Isso aqui?

R: Aqui. Tudo aqui.

E: Você vê como tinha.

E2: É.

R: Em certo tempo eu quis ir para a marinha meu pai me prendeu, não deixou eu ir. E por aqui eu fiquei.

E: O seu pai como o senhor disse era mascate, não é?

R: Era.

E: E ele ficou sendo mascate durante todo...

R: Não.

E: Não.

R: Ele foi, veio para aqui estabeleceu um grande armazém de molhados...

E: Armazém de?

R: Molhados.

E: Molhados?

E2: Secos e molhados.

E: Ah sim, sim, sim!

R: Secos e molhados.

E: Entendi (risos) Entendi.

R: E ele fornecia, recebia inclusive saco de açúcar, saco...

E: Entendi e comercializava para a cidade.

R: Comercializava e botava.

E: E o senhor trabalhava com ele?

R: Trabalhava.

E: Trabalhava. Os outros irmãos também trabalhavam?

R: Trabalhava. Tudo mundo. Quer dizer, nessa época só ficaram três, um não aguentou a prisão aqui, aí fugiu, foi trabalhar com Delbergue lá em Barreiras.

E: Barreiras aqui na Bahia mesmo?

R: Na Bahia é. Um, o mais novo, e os dois, eu e Antonio ficamos aqui.

E: Certo.

R: Agora a cidade, como era a cidade naquela época? Porque nessa época a cidade já era uma cidade desenvolvida, já tinha cacau, como era isso?

R: Não, aqui a cidade era talvez o segundo ou terceiro produtor de cacau.

E: De cacau.

E2: Naquela época.

R: Naquela época. Era Belmonte, Itabuna e Ilhéus.

E: E Ilhéus.

E2: Então como era o movimento aqui, a comunicação da cidade?

R: Tudo no porto, tudo no porto.

E2: Tudo pelo porto...

R: E avião.

E: E avião.

E2: O porto era um porto importante.

R: E avião.

E2: Chegavam navios grandes, barcos grandes?

R: Canaveiras, Camacam eram os navios da região.

E: Certo.

R: Tinha pessoas aqui ricas que tinham um navio chamado Belmonte.

E: Ham, ham.

R: Era daqui. E tinha...

E: Era de pessoas daqui da cidade.

R: Esse era.

E: Ham, ham.

R: E o Itapicuru, o Itibirê, essas outras era da firma Gildeberg.

E: Judibergue?

R: Gildeberg.

E: Gildeberg.

E2: E esse barco, os navios levavam as pessoas para onde?

R: Levava, levava o cacau.

E2: Ah, levava o cacau!

R: É. E trazia mercadoria.

E: E tinha transporte de gente também por esses navios? As pessoas eram...

R: O mais luxuoso até... Luxuoso pelo modo de dizer, não é? Era o Dois de Julho... Dois de Julho não, me falhou agora... O Belmonte. Não, também não... (reflexivo) Belmonte, Dois de Julho...

E2: O senhor falou Belmonte, Itapicuru.

R: Itapicuru... O Itapicuru era um navio maiorzinho um pouco. Não é? E tinha mais outro, só que eu não me lembro no nome. Dois de Julho, não.

E: E esses navios vinham para cá e...

R: De Salvador.

E: De Salvador para cá, com certeza para buscar cacau...

R: Cacau.

E: E levar para comercializar.

R: Não, veio, pegava cacau e trazia mercadoria.

E: Ah tá!

E2: Então tinha transporte via mar e via rio. Tinha transporte via rio também, não?

R: Via rio para dentro das fazendas...

E2: Ah, só para dentro das fazendas.

R: Via rio tinha fazendas aí que tinham grandes armazéns de cereais, não é?

E: Hum, hum.

R: Como a Estrela do Sul e mais duas, Barreiras... Barreiras, Estrela do Sul e Boca do Cosmo. É uma vila que tem aqui que era muito movimentada também.

E2: Aí tinha um barco que ia para o alto mar.

R: Não, o barco vinha e atracava aqui.

E: Ham, ham.

R: Tinha ocasiões que tinha cinco, seis barcos aí. De fora a fora...

E: Atracados aqui nesse rio.

R: Atracava no rio.

E: No Rio Jequitinhonha.

R: O rio era fundo.

E: Ele era fundo. Não era esse que está aí não.

E: Certo. Que para trafegar navio tem que ser fundo. Não é?

R: Vinha as enchentes, as grandes enchentes e alagava...

E: Alagou a cidade alguma vez?

R: Já! Todo ano.

E: (risos) É mesmo?

R: 8 de dezembro era sagrado, 8 de dezembro de todo ano...

E: Dia de Nossa Senhora da Conceição.

R: Tinha água no rio.

E: Engraçado,

R: Uma reta afinadinha, não é? Aí o rio foi desviando, entulhando, trazendo areia lá de cima, entulhando, entulhando. Fizeram espigões aqui, muito espigões para a água bater e voltar e...

E: Para não inundar a cidade, não é?

R: E terminou atrapalhando um pouco o leito do rio, entendeu?

E: Certo.

R: Por causa das grandes cheias que existia aqui. Alagava essas fazendas todas.

E2: Seu Elias e quando você chegou aqui já tinha avião?

E: Tinha aeroporto na cidade?

R: Tinha aeroporto. Aeroporto na cidade?

E: É.

R: Não! Foi feito depois.

E: Ah tá!

R: Aqui quem primeiro operava era uma companhia francesa, Air France.

E: Ah!

E2: Air France.

R: Foi a primeira que operava aqui.

E: É. Impressionante!

R: Depois saiu a Air France veio...

E: Panair.

R: Não.

E: Não teve Panair? Não?

R: Não, não. Era a (nome), era aviões anfíbios.

E: Aviões anfíbios.

R: É. Pousava no rio.

E2: Pousava no rio? Lá em Vitória também, aviões de campanha. Lembra que eu lá Em Santo Antônio fizeram aquele restaurante...

E3: Hidroavião.

E: É.

R: Depois do (nome) veio a Cruzeiro do Sul.

E2: A Cruzeiro do Sul, eu viajei na Cruzeiro do Sul.

E: É? (risos) Você é jurássica, em Leide...

R: Inclusive eu fui um agente delas aqui, não é? Elas vieram...

E: Cruzeiro do Sul é antes da Varig.

E2: Ela tinha aeroporto aqui no Norte do Espírito Santo em Nanuque que é Minas, divisa com Espírito Santo e Bahia. De Nanuque ia para Salvador.

E: É.

R: Eu fui agente da Cruzeiro uns 8 anos.

E2: O senhor?!

E: Ah é?!

R: É.

E2: Ah fala como foi isso!

E: É.

E2: Como era viajar, foi para onde?

R: Ah, Rio! Mais Rio e Salvador.

E: Rio de Janeiro e Salvador.

R: Canavieiras... O avião fazia uma escala, vinha de Salvador, pousava em Canavieira, Belmonte, Vitória e Rio.

E: Certo, então...

R: Pegava 28 passageiros, era os Douglas. Era uns aviões seguro, nunca caiu nenhum. Nunca matou ninguém. a eca caiu um... Nunca matou ninguém.

E: Sim.

R: Vivia viajando aqui.

E2: Quantos anos operou essa linha aqui?

R: Aqui a linha?

E2: É, essa linha.

R: Eu fui agente desde os seus 8 anos, não é?

E: Em todo período que ela operou aqui o senhor trabalhou?

R: Que ela operou aqui eu trabalhei, eu fui agente. Fui agente. Depois saiu a Cruzeiro, foi embora, veio a Real. Trabalhou uns tempos, depois veio outra aí pequena, pequena. Era avião de pequeno porte.

E: Entendi. Não era assim de passageiros...

R: Não, não. Não, era de passageiros, mas era...

E: Sim, mas era menor.

R: Era de 5 passageiros.

E: Ah, bem pequenininho!

R: Aqui operava os Douglas.

E: Entendi. Esses que cabiam 28 passageiros.

R: 28 passageiros. Essa operou muitos anos aqui, eu fui agente dela todo ano.

E2: Aquela casinha que está lá hoje é a mesma casinha que tinha na época?

R: Aonde?

E2: No aeroporto, aquela casinha que tem assim meio redondo, com aqueles arcos...

E: Verde, uma verde escura...

R: Ah, foi feito na época da Cruzeiro! O prefeito que tinha aqui chamado... Não sei o que Farias, não é? Ele fez lá o aeroporto. Ali tem três pistas, naquele solo aí tem três pistas.

E: Certo.

R: Tinha a primeira que foi feita quando a (nome da empresa) operou aqui uns tempos, foi feito de barro, depois veio um prefeito aqui fez uma fina, não é? De cimento armado. Era estreito... Depois vieram e fizeram outra em cima daquela que é assim que até hoje está em cima aos pedaços. Ali tem três pistas: a primeira, a do meio e a de baixo.

E2: Seu José nós estamos... O senhor passou a sua juventude, o senhor disse que estudou 8 anos, a sua juventude. O que um jovem da sua idade, como era a diversão aqui, como eram as festas.

R: Ah, muito bom! Muito bom.

E: Muito bom?

R: Bom, e tinha muitas festas aqui não é?

E: Tinha muitas festas, não é?

E2: Tinha baile.

R: Tinha muito baile. Esses casarões

E: Tinha clube?

R: Hein?

E: Tinha Clube?

R: Tinha o Clube da América.

E: Ah ta!

E: Tinha o Belmonte, o Flamengo. Tinha clubes dançantes...

R: Três clubes?!

R: É.

E: Nossa!

R: Tinha clube dançante muito bom! E as casas grandes de família...

R: Também se abriam para baile.

E: Davam festa, davam baile, aniversário do chefe, da madame, todo mundo dava festa, era uma cidade festeira.

E2: E o senhor se casou aqui?

R: Casei a primeira mulher, que eu sou casado duas vezes, não é? A primeira mulher era de Porto Seguro. Casei com ela aqui.

E: Como era o nome dela? Amália Menezes, (nome) Era uma pessoa alegre, alegre... Uma dentadura, nunca teve uma cárie dentária, não teve nem uma carinha dentária. Aqui tinha um dentista em Salvador que eu levei uma vez para ver se tinha alguma coisa, prevenção ele disse: “Olha rapaz, uma dentadura dessa a gente morria tudo de fome”.

E: (risos)

R: Ela tinha 41 anos apareceu um câncer no seio.

E: Caramba!

R: E esse câncer não teve jeito, labutei 5 anos com ela, quando veio a falecer

E2: Quantos filhos ela teve.

R: Só teve um.

E2: Só um.

R: É.

E: Depois o senhor casou de novo?

R: Depois casei de novo. Depois de 10 anos.

E2: E teve filhos?

R: Não. Com essa segunda eu não quis não.

E2: Então o senhor só tem um filho?

R: Só tenho um filho.

E: O senhor tem netos?

R: Dois.

E: Dois netos. Sei. O senhor falou aí que quando veio para cá o seu pai tinha um armazém de secos e molhados.

R: É. De secos de molhados.

E: E aí o senhor e o irmão...

R: irmão...

E: Um irmão, o outro foi embora, não aguentou o ritmo da cidade.

E: Ele trabalhou com Odebrecht.

E: Na Odebrecht.

R: É. Estudou em Salvador. Botamos ele para estudar, mas também não deu no coro. Estudou lá no Salesiano.

E: Certo.

R: Fez o primeiro, o segundo... Até o 4^a ano.

E: Aí o senhor ficou trabalhando nesse armazém do seu pai aí depois que o senhor ficou... Foi para Cruzeiro do Sul, o senhor teve outro trabalho?

R: Não, na Cruzeiro eu era agente, já era anunciante já.

E: Ah tá!

R: Eu era pessoa jurídica.

E: Entendi.

R: Eu era representante da Cruzeiro do Sul.

E2: Ele era agente de viagem.

E: O senhor era representante?

R: É. Representante.

E: Ah tá!

E2: Ele tinha uma agência de viagem.

R: Eu tinha 3, 4, 5 empregados.

E2: Era uma agência de viagem.

R: Eram 6 empregados na parte da Cruzeiro.

E: Certo.

R: 4 ficava no campo e 2 ficava no escritório.

E: Sei. Hum, hum.

E2: O senhor fazia pacote, tipo assim uma pessoa queria passear fora do Brasil, aí depois de lá pegava outro avião, tinha pacotes de viagem, não?

R: Não.

E2: Passeios turísticos?

R: Não, não.

E: Era só passeio para médicos, essas coisas?

R: Não, cada qual ia por sua conta.

E: Ham.

R: Cada um ia por sua conta. Não existia esse desenvolvimento que está hoje não, pacote turístico não.

E: Ham, ham.

R: O telefone aqui ainda... O telefone já era esse.

E3: Por coincidência está aí.

E: Olha só.

R: Por coincidência está aí, que a mulher está lavando casa...

E3: Arrumando as coisas.

R: Limpando lá dentro, está tudo aí, quando vier depois que ela conserta.

E: Certo.

E2: Engraçado, tem uma manivelinha.

E: É para dar corda.

R: Aqui era o chamado: 1 era aeroporto; 2 era aqui em casa; 3 era na agência, e 4 era na estação. (pigarro) Então rodava, parava, chamava,

E2: Trem, nunca teve aqui.

R: Hein?

E2: Trem nunca teve.

R: Não.

E2: E essa estrada que liga aí a Porto Seguro, que vai ligar.

R: Não. As estradas são novas.

E2: Essas estradas quando surgiram?

R: Isso foi nova agora...

E2: Então só se chegava aqui por rio ou por mar não?

R: Não, avião.

E: Avião, rio e mar?

R: Rio não. Mar.

E2: Rio era só para entregar. Só mar.

E2: Não tinha estrada?

R: Não. A estrada veio ter em 1964, parece. No governo de Lomanto, era a única que havia.

E2: Por isso que ela ficou mesmo isolada, a cidade.

E: É. Depois que terminou essa economia do cacau.

E2: O governo do Lomanto eu cheguei a conhecer, Lomanto Junior. Deve ter tido o pai ou o filho.

R: Foi um bom governo.

E2: Eu acho que o Lomanto da Bahia foi mais ou menos como o Antonio Carlos.

E3: Esse Lomanto ficou durante muito tempo. .

E3: Durante muito tempo foi Lobato pai... Eu me lembro do Lomanto Junior, filho.

E3: Isso, era o pai e o filho.

R: Ele dizia: “Governar é abrir estrada”.

E: Foi um coronelismo.

R: Então ele abriu estradas pela Bahia toda. Foi o maior governo da Bahia. Todas essas estradas que a senhora vê no norte, no nordeste...

E2: Tudo foi ele que abriu?

R: A estrada era carroçável, mas ele abriu. Depois foi indo, foi indo, foi asfaltando, e hoje está quase tudo asfaltado.

E: Naquela época Porto Seguro era muito pequenininho, não é?

R: A capital era aqui.

E2: Aqui era o centro.

R: Aqui que era o centro, para Porto seguro as meninas se vestiam, vinham comprar aqui.

E: Em Belmonte.

R: Em Belmonte que aqui nós vendíamos, essa a casa que eu tenho, o meu primeiro sócio ele viajava muito São Paulo, Rio, e comprava coisa assim calça bordado, organdi suíço, essas coisas que hoje já não tem. New York Street que era linho para roupa de homem.

E: Ah!

R: Compreendeu? Aquele Linho Belga que era para vestido de mulher.

E: Sei. Tudo isso ele trazia?

R: Trazia de fora porque não fabricava no Brasil.

E: Certo, certo.

R: Depois o Brasil foi fabricando tudo isso, hoje o Brasil tem tudo.

E: É verdade.

R: Embora não com a certa qualidade...

E: Qualidade...

R: ...que vinha de lá.

E: É verdade.

R: Como o York Street, o linho que uma calça... Até acabou, remendei ela toda, não é?

E: Hum.

R: Tinha costura em tudo que era canto. Mas você ficava em pé no vento, o vento sacudia a calça, não é? Hoje tem muito linho também nosso, não é? Mas não é de boa qualidade.

E: É.

R: Não pegava sujo.

E2: Naquela época...

E: Não pegava sujo?

E2: É.

E: Não grudava sujeira.

R: Onde encostava a poeira o sujeito batia a mão estava limpo.

E: E saia. Que coisa!

R: Era o linho York Street. Era puro linho irlandês.

E: Irlandês?

R: É. Vinha da Irlanda.

E: Olha só!

R: Vendi muito.

E: Então tudo isso se vendia aqui em Belmonte? E as pessoas vinham de fora para comprar.

E2: O senhor tem fotos antigas daqui?

R: Se tem eu não sei, está na mão da mulher, que eu não guardo esses negócios não, não é? Passou, passou não quero nem lembrar.

E2: Aí meu Deus do céu! (risos)

E: Não, seu Elias, mas...

E2: Não é bom lembrar a história? O Fábio Pena e a Patrícia eles são moradores daqui, e o senhor está mostrando para eles uma Belmonte que eles não imaginam.

E: É.

E2: Não é?

R: Aqui tudo era diferente. Só as casas, as ruas que são bem traçadas. Viu? As ruas aqui são todas: norte e sul, e leste oeste. Você vê que as ruas são largas.

E: Sim.

R: Assim. E os becos, nós chamamos becos, não é?

E2: Antes de ter essas estradas como é que as pessoas de Porto Seguro vinham para cá? Elas vinham pelo mar?

R: A pé.

E: A pé?! Como assim a pé?

R: Andando pela praia.

E: Ó! Não?! Gente!

R: Cansei de ir.

E: O senhor?!

E2: O senhor já foi a Porto Seguro a pé?

R: Eu? Todo ano, dez de agosto eu saía daqui.

E: Por que 10 de agosto?

R: 15 de agosto é a padroeira de Porto Seguro.

E: Ah!

R: E eu namorava uma menina de lá.

E: Ah!

E2: E ele namorava com a mulher dele.

E: A Lilita.

E: E o senhor ia a pé namorar?

R: Não, ela morava aqui, eu ia lá por causa dos pais. Não é?

E: Sei.

E: Ah!

R: Eu ia por causa dos pais dela.

E: E o senhor ia a pé?!

R: É.

E2: E o senhor ia a pé, andando, caminhando?!

R: Lá em Porto Seguro o peixe não se vendia, quando dava fartura um emprestava ao outro, quando aquele ia pescar que pegava muito peixe, aí emprestava o outro, quando o outro ia pescar emprestava a ele que não foi, o outro que não foi, era uma troca...

E2: Pelo menos tinha uma estrada para ir a cavalo, charrete, cavalo.

R: Naquele tempo?! Que nada!

E2: Não tinha nada?

R: Nada. Aqui tudo era a pé, tudo na canela, três dias de viagem. Saía daqui, dormia em Mogiquiçaba. Saía daqui 5 horas...

E2: Tinha uma pensãozinha para dormir?

R: Ah?

E2: Tinha uma pensão...

R: Nada, casa de amigos, dormia em cima dos mondrongo de piaçava.

E: (rindo) Mondrongo de piaçava são aqueles montes...

R: Sabe o que é. Aqueles montes, aqueles montões grandes...

E: De piaçava. É isso.

E2: Nunca ouvi isso.

R: Tenho um amigo lá que tinha um depósito, e todo ano eu dormia lá com ele, e de forma que dormíamos e no outro dia nós saía para Santo Antônio ou Santo André. Depois eu passei a dormir uns 3 anos em Santo André porque vieram lá uns italianos e alemães.

E2: Então é antigo o negócio lá. Hein?

R: Vieram uns alemães, e eles iam sempre para aquilo, faziam arrumação, comida, e comprava lá no armazém do meu pai, de forma que eu fiz uma amizade com eles, quando eu ia para lá eu dormia em Santo André.

E: E o senhor ficava na casa deles em Santo André para descansar...

R: Dormia, tomava café de manhã, quando era de noite, de manhã cedo no outro dia nós saíamos...

E: Aí o senhor ia para Porto Seguro...

R: Nós saíamos para Porto Seguro.

E: E nisso iam 3 dias de viagem, não é?

R: Era, 3 dias de viagem.

E: Mas o senhor era jovem quando fazia isso.

R: Ah, tinha meus 17 anos, 18, 22, 25...

E: Ia uma turma, como que era?

E2: Ah, ia 500, 600 pessoas pela praia, aquele montão de gente.

E2: Para festa da Santa.

E: Gente!

R: Na festa da Santa.

E: É. Na festa da Santa.

R: 15 de agosto.

E: Certo.

R: E tinha também a de Setembro, Nossa Senhora da Conceição...

E: Dezembro.

R: Não, nossa Senhora da Conceição 8 de setembro.

E: 8 de Dezembro.

R: 8 de Dezembro.

E: Eu até me lembrei porque o senhor falou que era quando enchia aqui a cidade, não é?

R: É. Então a vida era a vida primitiva ainda naquele tempo, só tinha aqui o avião.

E: Certo. E o senhor andava muito de avião, o senhor passeava muito.

R: Ah, andava! Ia para Salvador...

E: E era caro? Era muito cara a passagem de avião?

R: Não, naquele tempo era 300 reais daqui a Salvador...

E: 300 réis.

R: É.

E2: Qual era o dinheiro na época?

E: Réis. Mil réis. Não é?

R: Era.

E2: É isso?

E: É.

E: 300 mil réis não era muito dinheiro naquela época não?

R: É. Eu estava até vendo hoje a mudança da moeda, não é?

E: Eu acho que era.

R: Um amigo meu que morava aqui e que era telegrafista da Cruzeiro fez uma revolução da moeda de quando foi implantado até 1988. É uma história bonita a da moeda. Se não cortam os zeros hoje um pé de sapato estava custando 3 trilhões de reais.

E: É. (Risos)

R: Porque todo ano a moeda desvalorizava.

E: Mudava, é.

R: E mudava sempre os zeros, três zeros. A moeda brasileira foi cortada, 3, 6, 9 zeros. Você se lembra? Deve ser do seu tempo.

R: Eu me lembro...

E: A última cortada...

R: Claro! Foi em 88 eu acho.

R: Mais ou menos.

E: É. 86, não é?

R: A turma nova hoje não lembra, o corte da moeda, não é?

E: Isso, isso, isso.

R: E de forma que atravessassei tudo isso.

E2: Agora me diz uma coisa, aqui era então a terra do cacau.

R: Era.

E2: A riqueza era o cacau.

R: A riqueza era cacau...

E2: E quem é que trabalhava?

R: Era cacau, piaçava e coco.

E: Cacau, piaçava e coco.

R: O coco...

E: Mas como que era essa região? Esse coco... Tinha mata? Como e que era isso?

R: Tinha. A beira da praia tudo aqui é coco até Porto Seguro.

E2: Isso é natural?

R: É natural.

E2: Ah, então não era mata mesmo?

R: Não, não.

E2: Aqui era tudo coco. Agora mata era para dentro.

R: Coco era na beira da praia.

E2: (inaudível) Isso.

R: O coco.

E: O coco.

R: A piaçava era no centro daqui, piaçava. Que produzia muita piaçava aqui.

E: E o cacau?

R: O cacau na beira do rio.

E: Na beira do Rio.

R: É.

E2: Ah, o rio era cacau. Era bom que mantinha a floresta...

E: Pois é.

R: Aí manteve...

E2: E quem trabalhava no cacau? Tinha escravos, como que era?

R: Não, escravos...

E2: Teve escravos aqui?

R: No meu tempo não.

E: Não, no seu tempo o senhor não pegou, mas...

R: Não, estou dizendo da minha era para cá, isso era assim...

E: Também acho que não.

E2: Mas o senhor encontrou histórias de escravos aqui?

R: Não.

E2: No outro século teve escravos?

R: Teve escravos, mas escravos já foi na...

E2: Nessas fazendas?

R: Na mineração.

E: É.

R: Nessas fazendas não. Os escravos plantavam muitas fazendas, não tinha escravo agora não, no tempo do ouro, que tinha ouro aqui para dentro, lá para o sertão aí o pessoal vinha para aqui, e vinha para aqui, que era a beira mar e vinham para aqui. e aqui cidade foi... (muito baixo)

E: E vinham trabalhadores de fora, de outros lugares para trabalharem aqui nas fazendas de cacau?

R: Veio. Cacau era firme e forte.

E2: Piaçava também, não é?

R: Aqui tinha a raça... Tupi, Guarani...

E2: Os índios.

E: Índios?! Vinham índios para trabalhar?

R: Não! Eram nativos.

E: Ah, os nativos.

E2: Os descendentes.

R: Já estavam aí.

E: Isso. Ta.

R: Não sei qual era a raça que tinha aqui.

E: Hum, hum.

R: A tribo Tapajós e Marajó.

E2: Tinha muito Índio?

R: Tinha... Acabou. Não, os da praia chamavam Caboclo.

E: Sei.

R: Era mais preguiçoso, não é? (risos) E do interior era chamado de índio, que era mais brigadores, eram muito enrolados, não é?

E2: Não tinha negros? Tinha misturados, misturas, mas não tinha negros?

R: Não, aqui na praia tudo era caboclo, chamava Caboclo preguiçoso.

E: E vinha pessoas de outros lugares para trabalhar aqui?

E2: Sem ser índio.

E: É.

R: Vinha!

E: Aqui?

R: Trabalhadores do norte, nordeste.

E: Do norte e do nordeste também vinha para trabalhar?

R: Tinha muita plantação de cacau, vinha pessoal do norte.

E: Exato.

R: Português, italiano, aqui tinha alemão, português, Italiano.

E: Chegaram, esses europeus pobres chegaram aqui para trabalhar?

R: Todos vieram para trabalhar. Chegaram. Chegou a Família Julie Vergel, foi o maior produtor de cacau do mundo, do mundo. Ele desembarcava só em Belmonte, fora Canavieira e Itabuna, só Belmonte era 120, 150 mil sacos de cacau.

E: Meu Deus do céu!

R: Ia tudo para Salvador.

E: Tudo de navio.

R: Tudo ia de navio.

E: para Salvador.

R: Aqui, em Canavieira... Não tinha estrada

E2: Quando o senhor era criança, adolescente, ou mesmo na vida adulta, o senhor ouviu falar de caso de lepra aqui?

R: Lepra?

E: É. Porque o senhor falou muito de impaludismo, não é?

R: Não, aqui tinha impaludismo, mas lepra eu nunca ouvi falar,

E2: Nunca ouviu falar?

R: O foco de lepra era aqui em Boca do córrego... Boca do córrego não.

E3: Barrolândia.

R: Barrolândia.

E2: E desde quando o senhor lembra de ouvir falar desse foco?

R: Há muitos anos!

E2: Há muitos anos?

R: Logo que surgiu Barrolândia.

E2: O senhor lembra quando surgiu Barrolândia, o senhor lembra? Era um lugar de pobre, como que era? Barrolândia era considerado lugar de pobre.

R: Era pobre.

E2: Quem morava lá era gente o que?

R: Era uma fazenda.

E2: Era uma fazenda.

E: Era uma fazenda.

R: Era uma fazenda. Aí um foi vindo, outro foi entrando...

E: Produzia o que está fazenda, o senhor lembra?

R: Cacau. Tudo era cacau, esses rios aqui tudo era cacau. Quem veio melhorar em Barrolândia foi um sujeito analfabeto, seu Cuma... Que ele gostava de dizer: “Cuma é?”

E: Cuma.

R: Cuma é.

E2: Seu Cuma... (risos)

R: Seu Cuma.

E2: E o seu Cuma ele veio desenvolver lá por quê?

R: Era um sujeito batalhador que fazia uma propaganda da cidade e foi trazendo pessoas, e anunciando e fazendo propaganda e terminou desenvolvendo mais lá.

E: E aí começaram a falar que tinha lepra lá, o senhor lembra assim de alguma história especial?

R: Dava muito lepra lá.

E2: É? E teve naquela época que o governo internava as pessoas com lepra, o senhor lembra de algum caso de gente que foi internar em Salvador?

R: Não, ninguém ligava não, ninguém ligava. Era tudo criava, morria, enterrava e acabou.

E2: Mas a cidade não tinha medo, não tinha preconceito, como que era?

R: Não. Não tinha nada. Naquele tempo não existia esse negócio como existe hoje não. Vacinação, não sei o que, isso foi desenvolvendo, não é? Até que chegou no ponto hoje que tem até médico lá. Naquele tempo não tinha médico, só tinha uma farmácia.

E: Não tinha médico na cidade?

R: Não tia mais não.

E: Na cidade só tinha uma farmácia?

R: Só tinha uma farmácia.

R: E vocês se tratavam das doenças como?

E2: Farmacêutico virava médico.

E: É.

R: Com a ajuda de Deus.

E: Com a ajuda de Deus. (rindo)

R: Se aguentasse, se não aguentasse morria...

E2: Pegava um avião e ia para o hospital.

R: É. Os mais abastados pegavam o avião e ia para Salvador.

E2: Ele levou a mulher dele para Salvador.

E: Hum, hum. Se usava muito assim fitoterápico, planta para tratar de doenças?

R: Ah é!

R: É.

E2: Remédio caseiro.

E: Tinha bezendeira também, rezadeira?

R: Rezadeira?

E: É.

R: Tinha. Que mau olhado é um fato. Era engraçado que mamãe foi rezadeira e chegava de manhã estava mole não queria levantar: “Chame dona Ana Cega”. Dona Ana cega vinha...

E: “Ana cega” ela era cega mesmo?

R: Era cega. Era cega essa moça. Rezava, meio dia estava em pé pulando, jogando bola. (risos)

E: A folha que lhe rezava murchava toda.

R: É. Murchava.

E2: Pegava...

R: Era folha de pitanga.

E2: Folha de pitanga.

R: E uma outra que serve como exemplo. (risos)

E3: Arruda.

R: Arruda.

E: É. Arruda é bom! .

E3: Estou lembrando da minha mãe, a gente tinha uma rezadeira que... Quando ele falou no nome...

E: (risos)

R: “Arranca arruda aí”.

E: “Vai rezar esse menino”.

R: É.

E: Que esse menino está muito mole. E o menino ficava bom, ia para escola, ia para rua, ia brincar...

E2: O senhor lembra como começou a cair, a empobrecer a cidade, o senhor lembra?

E: Quando começou o declínio econômico assim da cidade.

R: Quando começou o declínio de toda região, por conta do cacau... Deu uma podridão, deu a vassoura de bruxa.

E: Vassoura de bruxa.

E2: Mas a vassoura de bruxa chegou na década de 80, não?

E: Não.

R: Foi daí para cá.

E2: É.

R: Vassoura de bruxa aqui chegou por último, chegou primeiro lá em...

E: Ilhéus?

R: (nome), não sei aonde, Rondônia, trouxeram, por perversidade trouxeram e jogaram aí perto de Camacam. E aí se estendeu pela região todo um surto. Eu colhia mil e tantas arrobas de cacau.

E2: O senhor plantava cacau também?

R: tem fazenda também?

R: Tenho.

E: O senhor plantava cacau também?

R: Era uma roça... Não, eu tinha uma, duas... Uma com 20 mil pés, uma com 10, uma com 5, e um quase com mil pés. Tinha uma variava, tinha pessoas que colhiam 20, 30 mil arrobas de cacau. Eram milionários. Depois que a vassoura entrou teve um ano que eu colhi uma caixa.

E: Num ano inteiro?

R: Um ano inteiro.

E: Uma única caixa?

R: De maio... Junho era o primeiro corte, não é? Maio, junho, dependendo do tempo, não é?

E: Ta.

R: E chamava temporão, cacau do temporão; A safra era em julho, agosto, setembro, outubro, até dezembro.

E: Sei, todo o segundo semestre praticamente.

R: No segundo semestre era a maior força do cacau.

E: Hum, hum. Sei.

R: Nesses outros semestres em basta era chamado temporão.

E: Certo. E o senhor lembra quando foi esse período aí que o senhor colheu só uma caixa, lembra?

E2: O ano?

R: Inicia em 88.

E: Ah é?!

R: É.

E2: Não tem muito tempo não.

E: É.

R: Não, não tem muito tempo não. Aí deu um baque, não é?

E2: 20 anos.

R: É.

R: Começou primeiro lá em Itabuna, lá dentro, não sei onde foi. O cara jogou...

E: É. Foi em Itabuna que começou.

R: É. Foi em Itabuna que começou a surgir.

E2: Tudo bem que em Itabuna não existia, mas eu acho que antes da Vassoura de bruxa...

E: Deve ter tido outro componente...

E2: ...Já teve alguma crise também, que outros países começaram a produzir cacau, cacau não começou a não ter o mesmo preço, não aconteceu isso não?

R: Não, o preço era variável, quem fazia o preço era o americano, era a bolsa de Nova York. Numa ocasião o cacau abria por um preço e ia até o fim. Mas depois que a comunicação veio chegando a cotação era todo dia. De manhã você vendia por 15 mil reais a arroba, no outro dia vendia por 10. A bolsa caía, aí pronto ficou tudo na bolsa, não é? Você sabia de manhã o cacau era um preço, quando era de tarde era outro.

E: De tarde era outro. É uma oscilação muito grande, não é?

R: Enorme.

E: Então isso deve ter sido pelos anos 50.

E2: Como é que foi viver essa queda na cidade...

E: Será que foi depois da guerra?

E2: Uma cidade rica, movimentada. Por exemplo, quando foi que acabou... O aeroporto parou de funcionar, o ano?

R: 1942.

E: No contexto da guerra.

E2: Já não funcionava mais.

R: Era Cruzeiro do Sul. Aqui posava a Varig, Cruzeiro do Sul, a Real.

E2: A Varig com (muito baixo)

R: Aqui foi a primeira cidade que Getúlio desceu, no rio.

E2: Ah, Getúlio veio aqui?

R: Getúlio esteve aqui, Getúlio, Juscelino.

E3: O último presidente que esteve aqui foi Juscelino?

R: Foi. Juscelino e mais ninguém. Só estiveram dois Getúlio e Juscelino.

E2: E Juscelino.

R: E governador da Bahia, todos eles de quando em quando visitavam aqui.

E: Hum, hum. Mas o senhor disse que por volta de 1942 que o aeroporto...

R: É. Deixou de posar, primeiro quem posava aqui era a Cruzeiro do Sul.

E: Sei.

R: Que eu fui agente dele uns 8 anos, ou 10.

E2: E aí parou porque já não tinha mais como pagar...

R: Parou, veio a...

E2: Não tinha movimento. (falam juntos)

R: Junto com a Cruzeiro vinha a Varig, também pousava aqui, tinha uma boa estação de rádio.

E: A Varig?

R: É. A Cruzeiro depois se aperfeiçoou já não tinha estação, tinha o chamado VHF, era um aparelho que falava com Canavieiras. Canavieira via estação central, e daí que jogavam para o resto do Brasil. Era um mundo diferente. Aqui nós éramos bugres civilizados.

E: (rindo) Bugres civilizados.

R: Era.

E: Ham...

E2: O senhor andava de terno na rua? Como que era?

R: Na rua?

E: É.

R: Quando o senhor ia trabalhar, o senhor ia de terno?

R: Esporte.

E: Esporte.

R: Terno só nos bailes.

E2: Só nos bailes.

R: Se não fosse de gravata e paletó não entrava.

E: Olha só! Era rigoroso isso.

E2: Já teve cassino aqui, jogo?

R: Cassino? Não, o jogo era aberto. Tinha a casa de mulheres livres que do lado tinha sempre uma casa em jogo.

E2: Era perto.

R: Era perto.

E: Foi com o Dutra que caiu o jogo, não é?

E2: Mas não tinha um cassino assim...

E: Não, não.

E2: Nos bailes botavam mesas?

R: Não, tinha as (inaudível) de mulheres livres. Chegava lá ela aceitava 20 mil réis, 50. A mais chique era 100, naquele tempo.

E2: Teve casas famosas assim?

R: Teve casas livres.

E: Tinha mulheres de fora?

R: Tinha mulheres de fora.

E: Para trabalhar aqui.

E2: Para trabalhar, tinha cabaré?

R: Cabaré tinha. Vinha gente de um lugar que tem aqui para dentro de Salvador, só que eu não sei aonde foi. Vinha mulheres bonitas, jovens 18 anos, 20 anos. Essas os fazendeiros pegavam, não é? (risos)

E: Ah, as bonitas, novinhas, não é?

R: É.

E: Os fazendeiros pegavam. Está certo. Elas vinham para trabalhar aqui na cidade?

R: Não, para ganhar a vida, não é?

E: É. Não. Sim. É. Trabalhar na prostituição, não é?

R: É. Ganhavam a vida. Tinha muitas, muitas de 18 anos... Ih!!!

E: Que horror!

R: Tinha um cabaré chamado Cabaré de Lodoinho.

E: Cabaré de?

R: Lodoinho.

E: Lodoinho?

R: Cabaré de Lodoinho...

E3: Era o nome do dono.

R: Era o dono da diversão.

E: Onde que era esse Cabaré de Lodoinho, o senhor lembra?

R: Hoje onde é o supermercado de Lula. Onde foi lula, que hoje abriu um mercado, era ali. E no fundo era tudo avenida de mulheres livres, não é?

E: É. De mulheres livres, tá. Entendi. Hum, hum.

R: Tinha uma rua também aqui que só tinha mulheres livres. Tinha uma que chamava bate barriga, não é? Bate Barriga.

R: Bate barriga?

R:

E: É. Dançava.

E: Ah tá!

R: e as mulheres com os homens tudo...

E: Batendo a barrida, não é? (risos)

R: Batendo a barriga um no outro. (Risos)

E: Uma coisa boa...

R: Esses clubes mais mixos, mais baixo era bate barriga. .

E3: Pergunta da criminalidade.

E2: E me diz uma coisa, alguma história que o senhor lembra de interessante que aconteceu aqui, alguma história engraçada...

E: Algum caso...

E2: Algum caso, algum crime, alguma coisa fantástica, de algum acidente...

R: Ave Maria! Matava um já deixava o outro amarrado.

E: Matava muito?

R: É.

E: Tinha pistoleiro?

R: Tinha, tinha.

E: Algum crime de honra...

R: Tudo isso já teve, tudo que existe na flor da terra Belmonte já teve.

E: É?

R: Naquele tempo, não é? Depois foi melhorando, melhorando, melhorando, melhorando e chegou no ponto que está aí agora.

E: A cidade então embora tivesse assim pistoleiro, crime, o senhor disse: “mata um, amarra o outro e tal”.

R: Era.

E: Mas tinha uma grande criminalidade?

R: Tinha muita criminalidade.

E: Sim, mas o crime que tinha era esse.

R: Principalmente na hora... No plantio do cacau.

E: Ah! Como que era isso?

R: Na época.

E2: Certamente vinha gente de fora...

R: É.

E2: Trabalhador de fora.

R: Tinha jagunço, gente corrida lá de Jacobina, e tudo se acomodava aqui...

E2: Esse Jacobina é famoso, hein?

E: É.

E2: Jacobina é famosa!

E: Jacobina é o que, é uma cidade aqui perto?

R: É nada. Bahia lá...

E: Mas Jacobina é famosa, que eu já ouvi essa história de gente valente...

R: É porque eles saíam fugidos de lá e vinham para cá. E aqui armaram o seu (nome), não é?

E2: Mas tinha uma polícia boa aqui na época?

R: Boa?

E2: Segurança?

R: Que nada! 4, 5 soldados mafiosos também.

E: E pra dar conta disso tudo, não é? Não dava certo não. Não é? Então o senhor acha que no período do plantio mesmo do cacau... Aliás, da colheita, desculpa, que a criminalidade aumentava na cidade?

R: Não, não.

E: Não? Era uma coisa.

R: Todo mundo ganhava dinheiro na época da colha do cacau todo mundo ganhava dinheiro.

E: Sei.

R: E todo mundo era rico.

E: Entendi.

R: Do fazendeiro ao trabalhador braçal.

E2: Todo mundo tinha dinheiro.

R: Todo mundo tinha dinheiro. Então não se incomodava, não é? A não ser aquele por rixa política...

E: Política que...

R: Que sempre tem.

E2: As eleições eram muito fortes aqui?

R: Era.

E2: Era muita briga?

R: As eleições aqui – já não era do meu tempo, mas eu ouvia falar que era no cinema, a urna ficava lá em cima, o cara votava, subia para votar, e os espias, tanto de um lado como do outro, o de lá que votava nesse fazia sinal que votou, quando o cara descia tomava uma surra, ninguém queria ser eleitor, eleitor só eram aqueles protegidos dos jagunços.

E: Certo.

R: Que matava muita gente.

E2: Na eleição?

R: É.

E: É. Devia ser uma briga política séria.

R: É. Briga política séria.

E: Todo mundo queria gerenciar Belmonte, não é Seu Elias?

R: Queriam “SER”, pra negócio do mando, ninguém ganhava nada. Vereador não ganhava, prefeito não ganhava.

E2: Não ganhava.

E: Não ganhava salário. É por conta do poder, não é?

E2: (falam juntos)

E: É. Para ter o poder local, que o cara que era prefeito ele tinha poder com o governador, com o chefe de polícia.

E: Entendi.

R: Compreendeu.

E: Entendi.

R: E aí mandava ver, não é?

E: Sim, quando...

R: Se era contra tomava uma surra desgraçada.

E: (risos) Quando foi que o senhor começou a ter fazenda, a plantar cacau, quando que foi?

R: Não, eu nunca plantei. Ampliei alguns pés.

E: Ampliou. Certo. O senhor adquiriu uma própria fazenda quando?

R: Quando?

E: É. Lembra?

R: Não estou lembrado não. Comprei por acaso, um amigo meu comprou e eu paguei, não é? E comprei a outra também de outro amigo, vai de Bel e eu adquiri, não é? Esses dois faleceram, eram também produtores de cacau. E eu chegado aqui só era comércio? “Não, você vai ter uma fazenda e coisa e tal na primeira oportunidade vamos comprar uma, você vai comprar uma...” Eu já estava com dinheiro na mão aí comprei.

E2: E o senhor ainda tem a fazenda?

R: Tenho. Agora dei aos meninos, não é? Tem um aí que está entusiasmado com fazenda.

E2: É?

R: Peguei e dei a ele.

E2: Seu neto?

R: Neto.

E: Ah tá! Hum, hum.

R: Meu neto que é neto mesmo, o nome dele é Neto, é Elias Neto.

E: Elias Neto. E é aqui perto, seu Elias?

R: De avião é 5 minutos.

E: (risos)

R: Antigamente nós pousávamos na praia.

E: Sim.

R: A praia é (inaudível) De avião eu ia no Teco, Teco e posava na praia, era 5 minutos, mas de remo era quase meio dia...

E2: Mas só vai de barco ou de avião?

R: Não.

E2: Não tem estrada não?

R: Agora está tendo, mas é uma estrada muito de lama, não é?

E2: De barro.

R: Quando chove principalmente, não é? Tem 10 anos que eu não vou lá.

E: Que o senhor não vai na fazenda?

R: Que eu não vou na fazenda. O cacau caiu, os Teco-teco sumiram, foram embora, de canoa eu não quero ir, e larguei para lá.

E2: A estrada estava muito ruim.

R: Agora tem meu filho, o meu neto mais velho que é entusiasmado. Está lá.

E: Hum, hum. Ele estudou, formou-se e agora vai fazer a OAB.

E: Ele é advogado?

R: É, advogados, todos dois. De forma que ele está por lá. Esse ano ele até colheu um cacau, eu dei para ele roçar, tome de conta.

E: Hum, hum. Seu Elias, o senhor falou ao para a gente do acesso que as pessoas tinham a

questão da saúde, como que tratava de doença que tinham farmacêutico que era meio o médico...

R: Não, aqui a doença que batia naquele tempo, só se conhecia o impaludismo.

E: O impaludismo.

R: É. O impaludismo aqui era generalizado. Então é.

R: mas o mais generalizado aqui era o impaludismo.

E: Era o impaludismo.

R: Dava uma tremedeira desgraçada.

E: É. Febre, não é? Tremedeira.

R: É. Depois foi diminuindo, foi diminuindo, foi diminuindo, apareceu outras doenças da civilização, não é?

E: Sim.

R: Mas o forte aqui era o impaludismo. Ninguém queria... Meu pai horror vir para aqui, veio por força da vontade de um patrício dele que obrigou ele viu, botou casa, botou um montão de coisa. E aqui começamos a trabalhar.

E2: Deixa eu falar uma coisa, o senhor é de família sírio libanesa.

R: É.

E2: Árabe, o senhor, vocês conservaram aqui o hábito da comida?

R: Não...

E2: Eu gosto muito da comida, árabe, não é?

E: É.

R: Minha mãe, minha mãe e meu pai quando eram vivos até a primeira mulher em casa só comia comida árabe, quando minha mãe faleceu, eu me casei com uma moça que também tinha um pouco de habilidade, não é? E essa que eu estou agora com ela casado também, ela sabe cozinhar árabe. Porque lá em casa quem fazia as comidas árabes era a gente, a gente ia para a cozinha, não é?

E2: Vocês também, os homens?

R: É. Todos três cozinha árabe. Dia de domingo era o dia do quibe, não é? Nós tinha um pilão de mármore e uma mão... A mãe está até aí, a mãe deste tamanho de madeira, não é?

E: Para socar? Para socar o trigo.

R: Era o melhor quibe o feito no mármore.

E: Nossa! Devia ser maravilhoso.

R: Porque o sangue, tudo fica ali, não é?

E: (risos de todos)

R: Com sangue e tudo, mistura com sangue, etc., é o meu preferido. E de forma que depois tinha um charuto, tinha isso, aquilo, aquilo outro...

E2: Eles é que faziam comida árabe, os homens?

E: É.

R: Quando era as mulheres...

E: Iam para a cozinha para socar o trigo.

R: Mamãe não aguentava, papai também não gostava muito de ir para a cozinha para bater o quibe, quem batia éramos nós

E: Eram vocês.

R: Era.

E: Então almoço de domingo era uma festa, era aquele quibe maravilhoso.

R: Era.

E: E que outros costumes assim...

R: Não, todos os dias era comida árabe.

E: Sei. Mas o domingo era dia do quibe, não é? (rindo) E que outros costumes assim vocês preservaram da cultura árabe? Alguma outra coisa, algum hábito, alguma religião.

R: Não, bem dizer o meu pai era ortodoxo, mas como não tinha a igreja ortodoxa aqui em Salvador, é a mesma católica.

E: Certo.

R: Então todo mundo que veio para aqui que era ortodoxo virou Católico.

E: Católico. É.

R: Católico Romano.

E: Hum, hum. Certo.

R: E até a cidade, como era toda a Bahia, aliás, como era o Brasil, era tudo índio Tupiniquim, Tupinambá, Marajó... Aqui para me lembrar como era o nome da tribo que tinha aqui... .

E3: hã-hã-hães¹

R: Hein?

¹ Os **pataxós hã hã hães** são um [grupo indígena brasileiro](#) que habita as áreas indígenas [Fazenda Bahiana](#) e [Terra indígena Caramuru-Paraguaçu](#), no sudeste do [estado da Bahia](#), no [Brasil](#). Resultam da união dos antigos pataxós hã hã hães com os [baenãs](#), os [camacãs](#), os [mongoiós](#), os [sapuiás-quiriris](#) e parte dos [geréns](#) e dos [tupiniquins](#). A sua população atual, segundo dados do [Instituto Socioambiental](#),^[3] é de cerca de 2 200 pessoas. Vivem em duas reservas no sul da Bahia. A mais populosa é a reserva indígena Caramuru-Paraguaçu, que possui 54 099 hectares e que abrange áreas dos municípios de [Itaju do Colônia](#), [Camacã](#) e [Pau Brasil](#). A outra reserva é a [Reserva Fazenda Baiana](#), com 304 hectares, localizada no município de [Camamu](#), no baixo-sul da Bahia, onde vivem cerca de 72 pessoas.

E: Hã-hã-hães.

R: Hã-hã-hães também. (risos) Hã-hã-hães era aí do córrego para cima. Era dividido, aqui tinha várias tribos, a da beira da praia não era Hã-hã-hães... Hã-hã-hães é do rio.

E: Esse Hã-hã-hães é o nome de uma tribo?

R: É.

E: Eu não sabia não.

R: Era do córrego para cima, era Hã-hã-hães, a tribo Hã-hã-hães.

E2: (risos) Nunca ouvi falar.

E: Nem eu! (risos)

R: Hein?

E: Eu nunca ouvi falar dessa tribo Hã-hã-hães.

E2: Eles tinham cara de índio mesmo?

R: Hein?

E: Tinha tipo de índio?

R: Caboclo. Caboclo.

E: Caboclo.

E2: Já era misturado.

E: Ah tá!

E2: O caboclo você diferencia logo ele, não é?

E2: É misturado.

R: Não é? Aqui tinha um caboclo, saiu nesse instante, é pedreiro, está ajeitando aí a casa. E aqui era tudo caboclo, gostavam de ir na casa de família, não é? Preguiçoso... Precisava dar corda neles para eles andarem. (risos das meninas)

E: Me diz uma coisa seu Elias, como é que era... O senhor já falou que a diversão era jogar bola, ir para os bailes, ir para festas... Cinema? Tinha cinema aqui na cidade?

R: Tinha!

E: Ham!

R: Cine Rio Branco.

E: Cine Rio Branco?

R: É. Onde ainda é hoje ainda, não é?

E: Ham.

R: E antigamente tinha umas pequenas casas de operadoras que passavam filme, não é?

E: Sim.

R: Filme aqui era *cowboy* o dia que tinha *cowboy* era...

E: (risos) Arrancava telhado.

E: (risos)

R: Era grito, o povo vibrava.

E: O pessoal vibrava junto com o filme. Não é?

R: Opa! Mas gostava mesmo.

E: O senhor gostava?

R: Gostava. Eu gostava, com 15 anos, 16 anos, 18 anos. A gente ia para o cinema, 1 réis, 2. E o cinema do perfume. Era 40 réis. Você conheceu a moeda?

E: Não, não, não.

R: Não conheceu réis, era 400 réis, 400 réis, era 400 réis...

E2: A Danuza tem réis.

E: É?

E2: É. Da tetra avó, sei lá.

E: Nossa! Mas era 400 réis o que, a entrada do cinema?

R: A entrada.

E: A entrada do cinema.

R: Era o dia de 4ª feira.

E: Ah, que era mais barato?

R: É.

E: Ah, o senhor sabe que até hoje...

E2: 4ª feira é mais barato.

E: Lá no Rio de Janeiro é o dia que o cinema é barato. Em Salvador também esse ato que se preservou.

R: É. Pegou.

E: Porque o senhor falou que era cinema do perfume, filme do perfume... Não... O que o senhor falou?

E3: Cinema do perfume.

E2: É.

R: O perfume era esses 400 reais. Era esse.

E: Por que era do perfume?

E2: Mas porque era do perfume?

R: Porque ia todo mundo fedorento para lá.

E: Ah!!! (Risos das meninas) O perfume era ironia!

R: Ah, o perfume é ironia dele... (falam juntos)

E: Olha que interessante!

E2: O cinema do fim de semana era cheiroso...

R: Era cheirosinho.

E: Era tudo perfume francês.

R: Era.

E: Final de semana era cheirozinho.

R: É.

E: E 4ª feira era (risos) era fedendo mais de um perfume. (risos)

R: Está querendo armar...

E3: Era para os pobres...

E: Pois é, (risos) que era para pobre.

R: Enchia o cinema.

E: Enchia, ficava a e o cinema enchia, ficava lotado.

R: Ih! .

E3: E seu Elias, como que era assim o negro em Belmonte, tinha muito preconceito com o negro?

R: Não, aqui nunca teve quase, alguns. .

E3: Mas nos clubes, como que era?

E2: Podia entrar negro no clube?

R: Não, não. Eles mesmos não entravam. Não tinha não, não preto não, tinha moreno.

E2: Mas se um negro quisesse entrar no clube podia?

R: Eu não sei, eu nunca vi negro, negro tinindo no clube não.

E: Caramba! Não aparecia não. Tinha no cabaré, no Lodonio, era no Bate barriga. Tinha o nível, não é? Eles mesmo se recusavam a entrar. Tinha uma médica que ela selecionava.

E: No clube América?

R: América.

E: Era mais refinado o clube?

R: Era mais refinado.

E: Só *society*.

R: Só, só, gente fina, gente que podia, porque tudo era caro.

R: Tudo era caro, imagino.

R: Cerveja, se lá fora era 1 mireis lá era 50.

E: Entendi.

R: Se uma dose de uísque lá fora era 5 mireis lá era 8, 9, então...

E: Selecciona pelo preço, não é?

R: Seleccionava pelo preço.

E: Está certo.

E3: E aqui na cidade, seu Elias, quando tinha alguém doente tinha médico aqui na cidade, na sede?

R: Um.

E: Um médico?

R: No município todo.

R: Doutor José da Costa Pinto Dantas?

E: Dr. José da Costa Pinto Dantas?

R: Doutor José da Costa Pinto Dantas.

E3: Esse é o nome do hospital.

R: O hospital tem o nome dele.

E: Ah tá!

R: Não cobrava nada de ninguém.

R: Ele era de Salvador e trabalhava aqui?

R: Era dos Dantas. (nome) Dantas... Os irmãos deles era tudo deputado, era uma família de muitos políticos, e mantinha ele aqui por causa de política.

E: Certo.

R: De forma que aqui...

E2: E ele ficava só não cobrando e ninguém, mas também tinha voto.

R: É.

E: É. Lógico, é.

R: Aqui o Dantas, o José da Costa Pinto Dantas chamava doutor Pinto. Nome dele conhecido aqui era Dr. Pinto, não é? SE ele mandasse votar no jegue, todo mundo votava no jegue.

E: Nossa!

R: Aqui teve um francês analfabeto, Aurindo Domingos Leite, era de Boca do Córrego.

E: Aurélio Domingos Mendes?

R: Domingos... Eu falei, agora me esqueci.

E: Não, tudo bem.

R: Espera aí. Aurindo.

E: Aurindo.

R: Aurindo Domingos Mendes.

E2: Isso.

R: Aí o pessoal começava a chamar: Aurindo dormindo mente.

E2: Dormindo mente.

E: (risos)

R: Ele era pequenininho, do tamanho do Getúlio. Todo mundo gozava com ele, todo mundo gostava dele. Só vivia rindo, ele contava uma coisa e morria de rir.

E2: (rindo) Mas não trabalhou direito.

R: Ele fez alguma coisa até que o irmão dele, os irmãos do Dr. Pinto, ajudou: o cinema foi...

E: Foi ele que construiu?

R: Foi ele que construiu. E teve uma obra mais no interior que eles fizeram.

E2: Conta do Farol para a gente.

R: Ah, o Farol...

E2: Como era esse farol, fica dentro d'água, como era?

R: Não o farol diz que esse navio... Esse farol ia para não sei para onde e o navio encalhou aí, não é?

E2: Ham.

R: E descarregaram o navio, mas como era muito ferro, muito pesado, aí Belmonte estava precisando de farol, aonde aqui é um istmo, muitos barcos encalhavam aí no istmo, uns 3 ou 4 navios encalharam. Era um tempo de fartura, o povo entrava, levava tudo. E desembarcaram esse farol e botaram lá perto do mar, não é? O mar veio comendo, tiraram o farol, aí botaram aí onde é hoje, não é? Botaram aí, o mar recuou.

E2: O senhor lembra disse mar recuando assim?

R: Não.

E2: Mas quando o senhor veio, quando o senhor chegou aqui o mar era diferente, não é?

R: Estava mais para cá um pouco.

E: Hum, hum. Isso é coisa anterior a ele.

E2: E esse prédios aqui era tudo muito bonito, tudo novo? A cidade era bem mais bonita, não é?

R: É. Não tinha velho, era tudo novo. Tinha alemão, aqui tinha alemães, tinha italiano, tinha libaneses, a casa de Raposo, que é com frente ao clube - Vocês conheceram o clube?

E: Não.

R: O América.

E: Não.

R: Com frente tinha uma casa linda, bonita. Aquilo ali era uma família suíça.

E: Olha só.

R: Suíça alemão. Essa aqui aonde é o sindicato hoje era família italiana. Essas casas que você vê aqui grandonas é tudo do pessoal antigo.

E: De famílias estrangeiras, não é? Que vieram para cá com certeza por conta do comércio do cacau, não é?

R: Do cacau.

E: Para trabalhar, para comercializar.

R: E pela cultura também, não é?

E: Certo.

R: Pela cultura. Abriram escola, abriram muita coisa.

E: Sei. Abriram escola?

R: Abriram. Tinha escola aqui que era só de italiano.

E: É?

R: É.

E: Só para pessoas italianas frequentarem, não?

R: Não, não, não, qualquer pessoa.

E: Eles fizeram...

R: Eles que fizeram.

E: Os italianos que construíram a escola.

E2: Quando eu cheguei tinha alguma coisa Malta... Por que Malta? Eu fiquei assim: “Será que é Malta da Itália?”

R: Malta?

E: Provavelmente, porque ele está dizendo que teve muito italiano.

R: É. Teve italiano, só não tinha aqui japonês. Não tinha.

E: (Risos) Japonês não tinha. Ta. (rindo)

R: Tinha um chinês, eu conheci ainda ele. Não é? Morreu de idade. Japonês nunca vi aqui não. E chinês apareceu uns 5, uns 6, ficaram por aí.

E: Seu Elias, e aquele chafariz?

R: Chafariz.

E: Aquele chafariz ele é belga, não é? Aquele chafariz?

R: Eu não sei se é belga ou francês.

E: É?

R: É.

E2: O senhor lembra, quando o senhor chegou aqui ele já existia?

R: Já.

E: É?

R: É.

E2: As praças eram mais bem cuidadas?

R: Você esteve lá no chafariz, conheceu?

E: Vi. Sim. É muito lindo. Não é?

R: É muito bonito.

E: Muito bonito.

E: As praças eram mais bem cuidadas?

R: Ah, era! Não, só tinha uma praça. Aquela praça dos italianos, aqui na Praça 13 de Maio. Aí eles cuidavam, só tinha família italiana, plantavam flores, etc. O resto era um pesadelo conservar. (inaudível) Tem um bocado de praça aí, tem umas 4 ou 5 praças, e não eram, não são bem cuidadas. Eu vi um jardim no exterior, foi em Mar Del Plata, eu vi um jardim lá que eu cheguei a baixar para cheirar.

E: Para ver se era de verdade?

R: Para ver se era de verdade.

E: (risos)

R: De tão perfeita, de tão cheia que era.

E2: Brasília, Brasília tem jardins lindos.

R: Eu soube. Brasília eu passei de passagem, não é? Levei uma noite e um dia quase. O avião deu pane, até que veio o recurso para conversar e viajar. Eu passei uma noite lá.

E2: O senhor fez alguma viagem ao exterior?

R: Fiz, fiz umas 3 ou 4.

E2: É?

E: Para onde o senhor foi? Mar Del Prata...

R: Fiz 3. Mar Del Plata foi depois. Conheci a Europa toda, Itália, Inglaterra, França, e depois eu fui para o oriente, não é? Conheci Assíria, que era a terra da minha mãe.

E: Foi resgatar a história familiar, não é? (risos)

R: É.

E2: O senhor chegou encontrar parentes lá?

R: Não. Aonde?

E: Lá na Síria.

E2: O senhor foi visitar parentes do senhor?

R: Parentes não.

E: Não.

R: Quando eu ia visitá-los eu estava numa cidade, eu estava em Jerusalém, num kibutz.

E: Num kibutz.

R: Nós estávamos num kibutz. Aí o guia que estava nos acompanhando disse: “Olha, não vai porque lá está em revolução. Você pode entrar, mas para sair vai dar trabalho. Eu digo: “Vamos aqui mesmo”. Ficava longe de 5 quilômetros. Não é? Ou 10 km, não sei quanto foi. Só via bomba explodir por lá, etc., aí me acomodei nesse kibutz. Você sabe o que é kibutz. Não é?

E: Sei, sei.

R: E fiquei lá. Fiquei dois dias nesse kibutz.

E: Hum, hum.

R: É um povo civilizado, essas possessões são...

E2: Mas tem uma vida muito organizadinha.

R: É. Organizada, é.

E2: Como muito limites também.

E: É muito limitado, não é?

R: É muito limitado, não é? O kibutz é... Aonde foi que eu comi bem foi no kibutz.

E: É? No Egito, no Cairo também eu comi.

E: Ah, o Egito tem comida boa!

E: É.

R: Quanto mais pobre era a nação melhor era a comida.

E: Era a comida. (risos de todos)

R: Interessante, não é?

E2: Aí você vai a Londres, come batata, aquele negócio sem graça. (risos)

R: Você vê, na França...

E2: Aquele bando de coisa com creme de leite, não é? Eu fiquei... (risos)

E: (inaudível) Aquela coisa...

R: Teve um lugar que eu rodei a comida, cortei assim, um, duas, acabou a comida. (riso das meninas) “Não tem mais não?”

E: Não. (risos)

R: “Não tem mais não, a comida é essa mesmo.”

E2: O senhor viajou com a sua esposa, como é que foi?

R: Foi. Como essa, não é?

E2: Na lua de mel?

R: Ah, ela conhece muita coisa. Eu viajei com ela.

E2: Com pouco filho, não é?

R: Duas vezes...

E2: O senhor teve poucos filhos, só um filho.

E: Só um filho.

R: Só um filho. Não, pelo seguinte, porque quando eu me casei com minha primeira mulher eu ainda não tinha um pé de meia. não é? Não estava seguro, depois foi que eu fui trabalhando, fui economizando, comprei cacau, comprei isso, comprei aquilo e melhorei, não é? Sai do pé de chinelo e passei para o sapato.

E: (risos)

R: E no sapato eu vim trabalhando e...

E: Está certo.

R: Eu trabalho desde 8 anos.

E2: O senhor parou de trabalhar com quantos anos?

R: 8 anos... Que eu parei?

E2: É.

E3: Ele não parou.

R: Não parei não. (risos) Não parei nada não. Eu não fui hoje porque eu estou querendo liquidar a loja.

E2: O senhor ainda tem a loja até hoje?

E: O senhor ainda tem a loja.

R: Tenho.

E2: Secos e molhados?

R: Não...

E3: Não é a mesma.

R: De tecido.

E: De tecido?

R: Agora é um magazine.

E2: De tecido é? Eu vou lá

R: É em frente a biblioteca...

R: (inaudível)

E: Mas o problema é arrumar que faça lá no Rio, não é? Não tem costureira.

R: O que?

E: Não, eu gosto muito de tecido, de olhar tecidos e tudo, mas lá no Rio você não tem costureira, não tem quem faça.

R: É uma classe que está acabando.

E: Que está acabando. Exatamente.

R: Aqui em Belmonte tinha cada uma costureira, você ficava admirado.

E2: Agora a roupa tudo pronta.

R: É. Impressionante.

E2: Alfaiate também.

R: Alfaiate também.

R: Aqui ainda tem uns dois.

E: Lá no Rio alfaiate também é uma profissão que está acabando.

R: Está em extinção.

E: É. Exatamente.

R: Eu passeava no Rio sempre um mês, 15 dias.

E: O senhor ficava aonde lá no Rio quando ia?

R: Lá em Copacabana.

E: Ah sim!

R: Otaviano Hudson, Rua Otaviano Hudson.

E: Otaviano Hudson? E

R: É.

E: Não conheço não.

R: Lá em Copacabana.

E: Conheço Francisco Otaviano.

R: Não. E ficava lá. E às vezes me hospedava lá numa casa de uma senhora.

E: Amiga da família. Não é?

R: Amiga... Não, indicada por uma amiga da família.

E: Certo.

R: Ela só recebe pessoas indicadas por outras que já são clientes deles, não é?

E: Certo.

R: Então me indicaram essa casa dessa senhora, eu ficava lá, me tratavam muito bem, comida o tempo e a hora...

E: Melhor do que ficar em hotel, não é?

R: Melhor do que ficar em hotel.

E: Certo.

R: E mais barato.

E: Certo. Uma coisa, seu Elias, que eu estava com curiosidade de perguntar para o senhor, o senhor se lembra assim se na cidade quando o senhor era jovem quando que tinha jornal, revista, se tinha algum periódico, se tinha... Como é veiculava notícia aqui na cidade?

R: Aqui tinha um jornal, a muito tempo.

E: Certo.

R: E hoje não tenho mais.

E2: Como que era o nome do jornal? O senhor lembra o nome do jornal?

R: Jornal da Cidade... Não sei, não me lembro.

E: Alguma coisa assim, eu tenho...

R: Depois surgiu, acabou o Jornal surgiu o Boletim Oficial.

E2: Boletim Oficial?

E: É. Foi esse que eu pesquisei ali na Biblioteca.

R: É. Oficial. Esse boletim só dava notícias da cidade, decreto, portaria do prefeito.

E: Arquivo do Boletim Oficial. Era o periódico do município, isso mesmo.

R: Porcaria número 1, número 2, número 3.

E: Porcaria número 1, número 2. (risos)

R: Era portaria, não é?

E: Portaria.

R: Mas como não (inaudível) "porcaria".

E: Aí chamava porcaria. (rindo)

E2: Deixa eu falar uma coisa para o senhor: aqui tem uma loja maçônica muito bonita.

R: Tem uma casa.

E: O senhor lembra a data dessa loja maçônica. O senhor é maçom... Qual foi a importância da maçonaria aqui para a cidade?

R: Pela graça de Deus... Teve uma grande influência nos tempos idos. Inclusive eu ingressei na maçonaria por intermédio de um professor Lúcio. Era um pretinho, que era maçom. Então quando eu comecei a trabalhar na loja...

E: O professor Lúcio Coelho?

R: Coelho.

E: Hum! O professor Lúcio Coelho fez a escola aí.

E: Ele sabia tudo. É o que fez a escola.

R: Era um pretinho, mas era... O cara que saísse dele...

E: Ele era negro?

R: Ham?

E: Ele era negro?

R: Pretinho.

E: Era?

E2: E era professor?

R: Um grande professor. O sujeito que saísse da unha dele podia ir fazer teste qualquer teste, em qualquer lugar, todos os alunos dele, 90% são bacharéis, são doutores, são médicos, são tudo na vida. Formou muita gente ele.

E2: Ele está vivo?

E: Não, não deve estar não.

R: Não! Ele morreu.

E: Foi professor dele.

E2: Ah, foi professor seu?

E: É, isso.

R: Foi.

E2: Ah, ele que foi professor importante?!

R: Ele era professor de muitas turmas. Tinha uma letra maravilhosa.

E: Olha só!

R: Ele ensinava, ele bordava...

E2: Dava tudo.

R: Fazia tudo. Era um professor mesmo. Ensinava tudo, bordar, costurar, tudo.

E2: Ele foi independente na vida.

E: Pois é. Que coisa boa!

E2: É a formação, não é?

E: Formação mesmo total.

E2: E ele era maçom?

R: Era. E foi ele que me ingressou na maçonaria.

E: O senhor lembra o ano que o senhor ingressou na Maçonaria?

R: Não. Eu recebi até uma comenda essa semana. Eu entrei na maçonaria eu me entusiasmei, não é? E terminei fundando umas 5 ou 6. Fundei a de Porto Seguro... (reflexivo). Umas 4 ou 5 eu fundei, eu e mais uns aí... A de Canavieiras...

E2: Mas essa daqui já tem quase uns 100 anos, essa maçonaria.

R: Essa aqui?

E2: É.

R: Parece que é 110.

E2: 110 anos.

E: É. Ela do século...

R: São as duas mais velhas, essa daqui é a de Canavieira. Foram as primeiras maçonarias aqui do sul da Bahia.

E: Dessa região, não é?

R: Dessa região.

E: Você vê, vieram junto com o Cacau. Hum, hum.

R: Foi se estendendo, não é?

E2: Canavieiras era uma cidade melhor do que aqui, não?

R: Não. Sempre foi igual ou um pouquinho maior, porque lá a estrada chegou primeiro, não é? E lá teve mais aceleração no progresso. De forma que estamos vivendo, não é? No fim vai todo mundo para um buraco.

E: (risos)

E2: E me diz uma coisa o senhor acompanha hoje a política, por senhor acompanha tudo, não é?

R: Não, acompanho, eu leio.

E2: É.

R: E o que o senhor acha... O senhor que viveu, já viveu mais de 80 anos, como o senhor acha que o mundo está, qual a sua...

R: O mundo?

E2: É.

E: Avaliação.

R: Ah, hoje o mundo está com mais conforto. Hoje nós temos conforto. Hoje comemos melhor. Quem pode, quem não pode é feijão, farinha, arroz, alguma coisa. A classe mais abastada tem uma vida melhor, tem comidas boas e coisa e tal. Com imigração, aqui em casa por exemplo, eu nunca comi comida brasileira, feijoada, isso não. Quando a minha mãe era viva nós só comíamos comida árabe, era tabule, quibe, isso, aquilo, era uma cacetada. A primeira mulher aprendeu, a segunda também está aprendendo, não é?

E: (risos)

R: De quando em quando ela tira o pé da lama e bota na mesa.

E: (Riso das duas).

E3: (risos) Daqui a pouco ela está chegando...

R: É. Daqui a pouco ela chega aí. E de forma que a vida é essa, não é? Eu sei que agora ultimamente tem tanta coisa, e tanta gente morrendo.

E: Pois é, não é?

R: É a mesma coisa. Vocês: “Ah antigamente o povo vivia muito”. Eu acho que não, estão vivendo hoje o pessoal de antigamente como eu e mais meus... Esses meninos de hoje que estão nascendo aí, já está sofrendo do fígado... Eu nunca tomei remédio na vida.

E2: O senhor nunca teve doença?

R: Graças a Deus não.

E2: Nunca teve...

R: Não. Eu fui operado uma vez de pedra...

E: Nos rins.

E2: Na vesícula.

R: Na bexiga.

E: Na bexiga.

R: Na bexiga. Não sentia nada.

E: Nem sabia que estava com pedra?

R: Nada. Eu fui para Itabuna, um jogo de bola. E lá de noite teve uma festa e no outro dia de manhã eu fui fazer xixi, só bebi vinho, parecia que eu tinha me despejado no vinho.

R: Nossa! Escura a urina.

E2: E não doía? Porque geralmente dói.

R: Eu tinha um primo que era médico lá em Guaraci, telefonei para ele: “O Ângelo...” “Como vai?” “Eu fui aqui para festa, bebi só vinho de noite e agora de manhã eu fiz xixi era puro vermelho. É possível?” “Não. Tinha que sair branco ou amarelo”. Ele era médico em Guaraci, telefonei para ele lá. “Vá fazer exame. Procure doutor não sei o que em Salvador. E vai

embora para lá”. Aí eu fui. Chego lá fui ao médico, mandou fazer... Aí fez um exame excretora... não sei o que é. Aí apertou a barriga minha aqui e encostou com a coxa, não é?

E: Nossa! Doeu para caramba!

R: Ih! Aí eu fiz o tal exame deu pedra na bexiga. Ele disse: “O senhor deu sorte, se essa pedra escapole daí o senhor para tirar isso, no interior...” Aí eu fiz a operação, tirei 5 pedras.

R: Nossa!

R: Parece aquele comprimido de cortisona, é um remédio redondinho. 5 pedras. Aí foi um alarme danado e coisa e tal. E vai fazer exame: “Ah, você come muito, não sei o que, come isso...” Eu como tudo. Não e nada disso, não é porque eu como camarão, porque eu como peixe, porque eu como carne, nada. Aí mandei as pedras lá para (reflexivo) São Paulo... Rio Grande do Sul, eu tinha um primo lá que tem negócio de laboratório de exames. Aí mandei para ele, ele mandou. Ele disse: “Não, foi comida”. Aí explicou, mandou uma fotografia, a pedrinha deste tamanho, mandou uma fotografia deste tamanho.

E: (Risos)

R: Ela bonita, não é? (risos) Aí mandou o pedaço todo aí. Está até aí na loja. Na loja eu tenho os pedaços.

E2: Vamos visitar a loja dele depois.

E: É bom.

R: E aí foi a única vez. Doença quase que graças a Deus, ninguém da família tem.

E2: E o senhor trabalha até hoje.

R: Hein!?

E2: O senhor trabalha até e hoje.

E: Até hoje. Esse ano é que eu fechei um pouco...

E2: A sua esposa ajuda o senhor na loja? Como que é?

R: Não, ela fica lá agora, não é?

E2: Ela fica.

E: Ah tá!

R: Mas não dá para lojeira não, não dá para loja, não dá não. Tem que ter tarimba e não tem. A primeira e a segunda, nenhuma dava. A outra dava porque ela era risonha, não é? Qualquer coisa ela ria, aquela dentadura bonita! E de forma que hoje estou com 83 anos, bem vividos. Não digo que conheci o mundo, mas conheci a Europa toda, conheci Jerusalém.

E2: Conheceu a sua terra, não é? Foi perto da sua terra.

R: É, a terra dos meus pais. E tudo isso que eu tinha que fazer, felizmente eu fiz na mocidade, porque depois dessa operação do joelho, eu fechei.

E2: É complicado.

R: Ficou complicado, não ando muito para não... porque inflama o joelho, não é? Eu fui agora em Salvador, queria fazer operação botar uma prótese.

E2: Futuramente o homem vai ter prótese para todo lugar.

R: É. Eu queria botar uma prótese, mas os dois que fizeram prótese não deram bem.

E2: É?

R: Tiveram que tirar. Teve um até que cortou a perna.

E: Nossa, que horror!

R: Eu digo: “Oh, rapaz, deixa como está!”. De forma que agora só vou para a loja de manhã, porque negócio de banco, isso aí a mulher ainda também não tem. Estou ensinando a ela agora, não é? De tarde ela vai. Eu estou com um pedreiro aqui, fazendo um serviço, eu fico acompanhando ele.

E: É. O senhor fica supervisionando, não é?

R: É.

E: Dando corda nele, não é?

R: Dando cordas.

E: (risos)

R: Para ele fazer bocaceira. Conversa que é uma disgrama. Eu gosto dele porque ele conversa, não é? (risos)

E2: E seu neto vem aqui muito seu...

R: Meu neto?

E2: Seu filho é o prefeito da cidade, não é? É, ele está prefeito, não é prefeito, está.

E2: Está prefeito.

R: O pessoal diz: “Ah, eu sou isso...” “Você não é nada”.

E2: É a primeira vez que a ele é prefeito?

E3: Segunda.

R: Não, é segundo ano. Não pode mais. Tem melhorado a cidade ele, não é? Ele tem arranjado muita verba aí fora. Essa estrada daqui para Canavieira é o sonho de Belmonte há mais de 200 anos, diz ele que conseguiu aí uma verba que está vindo, já abriu 12 quilômetros.

E4: E já abriu mesmo.

E3: Já abriu.

E4: Já sim.

R: Uma hora dessa eu vou ver.

E4: (risos) Vamos embora lá ver?

E3: (risos) Pegar um dia desses aí a gente leva lá ele.

R: É uma hora que fizer sol, que deve ter lama, não é? Com essa chuva.

E2: E me diz uma coisa e o tempo, o senhor acha que o tempo mudou aqui ou...?

R: Mudou.

E: Está muito diferente o tempo?

R: Está.

E2: Como era antes?

R: Muito diferente. Sol era sol e chuva era chuva. Nunca deu, tempo mais frio aqui foi 16 grau, um certo tempo, fez um temporal muito grande aqui no Brasil, aqui deu 16 graus, mas agora esse tempo está 21, 16... Não, 18, 20, 22. De manhã cedo, eu acordo hoje estava a 20. Tenho um termômetro aí, todo dia eu olho, mas aí também não desceu mais. E de forma que estamos aqui.

E: É.

R: Aguardando. Aguardando a hora. A mulher diz: “Ih, só fala em morrer!” Eu digo: “Não, mas quem viveu? O Papa morreu com 83 anos...”

E2: Eu tenho um amigo meu, o pai de um amigo de família que morreu ontem, com 96 anos.

R: É.

E2: E morreu dormindo.

E: Oh que beleza!

R: Dormindo, duas moças morreram assim, duas irmãs.

E2: Do senhor.

R: Não duas irmãs, duas moças morreram, bonitas, anoiteceram não acordaram. Diz que é um negócio na cabeça...

E: Aneurisma.

R: Hein?

E: Aneurisma?

R: Deve ter sido. Não sei.

E2: Pode ser.

R: Um negócio na cabeça. Dormiu, de manhã cedo, neco. Pá!! Bonita. Linda! Foi rainha do carnaval aqui várias vezes.

E2: Ah, aqui tinha carnaval bom?

R: Tinha. Carnaval aqui era bom. Era carnaval mesmo.

E: Eram os quatro dias de carnaval?

E2: Na rua?

E: Folia?

R: Na rua. Tinha cordão, às vezes tinha ocasião, anos aí que tinha 5, 6 cordões, batucada, cordão, chegança. Sabe o que é chegança?

E: Não.

R: Negócio de marinheiro que... Aquele negócio de índio, não é? Canta. Tem uma música que é tradicional deles.

E2: Da chegança.

R: É. Ah, tinha vários aqui, tudo de fantasia, ninguém entrava sem fantasia.

E: Eram 4 dias de folia?

E2: (fala junto) Quatro dias maravilhosos.

R: Sábado, Domingo, Segunda e Terça.

E: Olha só!

R: E acabava era às 5 horas da manhã.

E: Da quarta feira?

R: É.

E: Olha!

R: Era 5, 6 horas da manhã.

E: Então todo mundo sambava e aproveitava muito.

E2: Ia a família toda para o baile de carnaval.

R: A família aqui, famílias boas tudo ia...

E2: Não era?

R: Todo mundo.

E2: Ia família toda para o baile de carnaval. Todos. O pai com os filhos todos.

R: O América ampliou, fez um terreiro e se juntava muita gente.

E2: E a gente brincava muito. E com lança perfume, na cara do outro.

R: Lança perfume. Rodo.

E: É. (risos)

E2: E deste tamanho.

R: Até o ano passado...

E2: Eu lembro.

R: Até o ano passado...

E: Rodo?

E2: Jogava no olho do outro. A brincadeira era um jogar no olho.

R: Rodo e rodouro.

E2: Nunca vi ninguém chorando.

E: Rodo e?

R: Rodouro.

E: Rodo e rodouro.

R: Rodo era aquela de metais.

E2: É de metal, eu cheguei a pegar ela.

R: É. Eu vendia muito no carnaval.

E2: O senhor vendia?

R: Vendia.

E: Na sua loja?

R: 10 caixas. Cada caixa tinha 10 dúzias.

E: Nossa! 120.

R: Então eu vendia muito.

E: É.

E2: A criança brincava de ficar jogando lança no outro.

R: Lança perfume. Era cheiroso!

E2: Mas eu acho que aquele cheiro devia fazer bem, não é? Que era todo mundo assim...
Devia ter um... (risos) Eu não lembro de nada, eu não lembro. (fala junto)

E: O senhor gostava do baile de carnaval? Adorava?

R: Adorava! Ia para lá mais os colegas, botava uma banca, uma cervejada, uísque e o diabo a quatro.

E: Ô coisa boa! (risos) E no carnaval o senhor ia para qual clube, para o América?

R: Para o América. Tinha o América, o Flamengo... (reflexivo) Tinha um outro aí. Eram três.

E: Eram três.

R: Tinha gente de fora e tudo.

E: O pessoal da região que vinha, vinha para brincar o carnaval aqui?

R: Da região vinha para brincar o carnaval, o carnaval aqui era muito bom.

E: Então era animado mesmo, não é?

R: Tinha cordão, as cozinheiras, as feiticeiras, as não sei que, era cordão de 30, 40, 60 moças,

E: Hum, hum. São os grupos fantasiados, os cordões.

R: As cozinheiras. Era cozinheira mesmo,

E: Ah era?! (risos)

R: As velhas. Essas velhas de 60 anos, 70...

E2: Hoje saiu, hoje virou as baianas.

R: Saiu. Agora é as baianas. (risos)

E: Mostrando os pratos ali, brincando na cozinha. Está certo!

E2: É.

E: É isso.

R: Era bom, era bom.

E: E seu Elias, o senhor, até hoje o senhor é um homem bonito, o senhor deve ter sido um rapaz bonito.

R: Eu era simpático.

E2: E era paquerado pelas mulheres.

R: Ave Maria!

E3: Dava no Joelho não era seu Elias?

R: Agora não sabia aproveitar.

E: Ah!

E2: Não? Por quê?

E2: As mulheres?

R: Não, não eu era tímido!

E: Ah, era tímido!

R: Eu era tímido, não gostava muito de namorar não, e coisa e tal. E naquele tempo, não tinha o que tem hoje, as namoradas é quase que mulher, não é?

E: É verdade.

R: Antigamente para pegar na mão da minha mulher foi um sacrifício desgraçado.

E: Foi uma luta danada, não é?

R: Quando a gente queria qualquer coisa ia para a avenida, que tinha as mulheres livres, não é?

E: Ah.

R: Pagava 10, 20 mil réis, pronto.

E: Certo.

R: Ia Sábado e dormindo e dormia lá.

E: Entendi.

R: Ou entrava 6 horas, 8 horas, 10 horas, saia.

E: Entendi. (Interrupção)

E: O nome dela? Gislane... (Ficam trabalhando a escrita de um nome) Girlane Fonseca de Amorim.

R: Girlane Maria Fonseca de Amorim.

E: Está certo. É a sua esposa.

R: É nome mais que gente.

E: É um nome...

E2: e

E: (risos)

E4: O que?

E2: É um nome muito grande.

E: É um nome mais do que gente.

E: Ele falou que é um nome mais do que gente.

E4: Mais do que jeito.

E: É. Quer dizer que...

R: Ela é magra por satisfação.

E2: Oi?

R: Ela é magra por satisfação.

E: É?

E2: Por satisfação ela é magra.

E: Como assim magra por satisfação?

E: É. (Interrupção) Boa noite.

R: É um prato afiado.

E: É um prato afiado.

R: É.

E2: Ah é?! Quer dizer que ela come e é magra?

R: Ih!

E2: Que maravilha! Agora o senhor também manteve o corpo.

R: Eu só como pouco.

E: É?

R: Eu estou comendo pouco. Eu já comi muito.

E2: Mas o senhor está elegante.

R: Era mocotó, era tudo que eu comia.

E: Mas o mocotó é muito bom, não é? (risos) Mocotó com dobradinha...

R: Aquele negócio de osso. (reflexivo) Como é? Não é mocotó não. Como é? .

E3: Tutano.

R: Tutano.

E: Chupar aquele tutano. Aquilo que é bom, não é?

E2: Aquilo que é bom.

E: É forte para caramba.

E2: É forte.

E: É bom, é uma delícia.

E2: Nós estamos terminando a entrevista.

E: Bom, o que você acha?

E2: Eu acho que nós cansamos bastante o senhor, não é?

R: Não, foi satisfação.

E2: Nós estamos conversando aqui há quase duas horas eu acho, não é?

E: É.

E4: E vocês conseguiram alguma coisa?

E2: Tudo.

E: Conseguimos.

E2: Ele é um bom falante, uma memória espetacular. Ele realmente mostrou aqui história da cidade.

R: O passado eu lembro, agora se falar uma coisa aqui agora... (falam juntos)

E: É capaz do senhor não lembrar. É isso mesmo.

E2: Memória mais recente.

E: Eu queria agradecer, não é?

E2: É. Olha foi...

E: Muito obrigada.

R: Eu estou à sua disposição, qualquer coisa...

E3: Amanhã vamos visitar o senhor na loja.

R: Na loja.

E2: Na Segunda-feira, vamos na segunda-feira.

R: Não, amanhã porque eu só abro até meio dia. Amanhã é sábado?

E3: É. Amanhã é até meio dia.

E: A gente vai amanhã.

R: Amanhã eu só abro até meio dia, não é?

E: Foi muito boa a entrevista seu Elias, a gente gostou.

E: Hoje eu estou acabando com a loja, não é?

E: Certo.

R: Eu vendia tudo. Eu vendia revólver, espingarda, vendia munição...

E2: Lança perfume.

R: Lança perfume.

E: É. (risos)

R: Eu vendo sapato, eu vendo tudo...

E2: E o senhor vai fechar a loja seu Elias?

R: Vou. Estou liquidando já não é?

E2: Vamos lá na liquidação, não é?

R: Não estou liquidando não. Eu estou vendendo sem comprar mais.

E: Entendi. Queimando estoque, queima de estoque.

R: Não estou queimando não.

E3: Não é queima não. Está acabando ele não está repondo.

E: É.

R: Está acabando eu não compro mais.

E: Sem reposição, é.

R: Por quê? Já estou cansando e segundo os meus fornecedores, todo mundo ou já morreu ou já acabaram com o negócio.

E2: (risos) Eu comprava só do Rio ou de São Paulo. Eu telefonava, às vezes ia lá, eles mandavam. Hoje todo mundo já fechou. Eu tinha três firmas em Salvador: Alves Irmãos, Moraes e Companhia e Livre Companhia, todos 3 já fecharam.

E: Nossa!

R: Ficaram idosos, os filhos não deram para isso...

E: Não se interessaram pelo negócio.

R: Gonçalves era uma grande loja, atacadista muito bom, de forma que tudo fechou só ficou eu. Eu digo: “Quer saber? Eu vou fechar”. Não posso mais viajar.

E2: E seus filhos também, o seu filho...

R: Meu filho não deu para negócio.

E: É.

R: Todos dois são advogados, formaram...

E2: O neto.

E: É.

R: Estão se preparando para fazer OAB, não é?

E: Exame da OAB, isso. Hum, hum. É, é isso.

R: Um pegou foi a roça, é atirado a roceiro, não é? .

E3: Fazendeiro.

R: Fazendeiro. O outro tirou... .

E3: O outro está no escritório. Fica mais no escritório.

R: É. Escritório e negócio de motor. E trabalha com a mãe que é advogada, não é? Ela trabalha lá em Porto.

E: Em Porto Seguro.

R: E foi casada com o Iedo (nome). Não sei porque cargas d'água, ele casou de novo. Aí ele já casou umas 5 vezes, ou 6. (Risos)

E: O seu filho?

R: É. Parece que tem açúcar. Parece que é açúcar.

E: (Risos) Ele não deve ser tímido, não seu Elias.

E4: A mãe não podia botar talco, botou açúcar.

E2: Porque ele não tem a sua timidez. Porque o seu Elias está me dizendo que ele... Eu disse: "Seu Elias, o senhor é muito bonito, o senhor deve ter sido um homem muito bonito, um jovem que atraía muitas mulheres". Ele disse que sim, mas que ele sempre foi muito fiel às mulheres.

R: É. Não, eu nunca fui namorado.

E3: O filho e acho que puxou ao tio, diz ele. (risos)

R: O mais novo era assim. Tinha 3, 4 mulheres.

E: Eta ferro!

E2: Pois é...

R: Ele morava no meio das mulheres, não é? Na avenida aí. Ele tinha uma avenida de casas onde hoje é o mercado, era dele, depois cansou e morreu. morreu novo.

E4: Vocês gostariam de falar com o prefeito? Seria interessante?

E: Não sei. Pode até ser...

E3: Olha ele com a mãe...

E: Você intermedia.

E2: Olha só que falta Laurinda...

E: Vamos então encerrar. Nós gostaríamos muito de agradecer ao senhor por essas horinhas que o senhor passou com a gente.

R: Qualquer hora.

E: Muito obrigada.

E2: Olha! Olha só ele pequenininho.

E: E como eu já disse no início da entrevista, seu Elias, essa entrevista vai ficar guardada lá, armazenada na Fundação Oswaldo Cruz, como parte dessa pesquisa que a gente está fazendo. Ela pode ser aberta para outras pessoas também que queiram escutar. O senhor é favorável a isso, o senhor tem algum problema.

R: De que? De abrir?

E: É de outras pessoas.

R: Não.

E: (Risos)

R: Não sou baú. Não sou baú guardar segredo não.

E: Está certo. Então ta. Muito obrigada.

R: Se tiver segredo não me conte e não me peça para guardar.

E: Porque o senhor não guarda. Então está certo. (risos) Muito obrigada.

R: Nada. Qualquer coisa pode expor...

E: Ok, muito obrigada.

R: Não tem cerimônia não.

E: Está certo. Muito obrigada.

R: Eu sou uma pessoa aberta, não tenha cerimônia não. Comigo não tem segredo.

E: Está certo. Obrigada.

R: Segredo para mim só da maçonaria.

E: Ta. Sei. Ah não, sei. Aí o senhor tem que guardar.

R: Eu tenho... Agora mesmo fui homenageado, não é?

E: Certo.

R: Eu recebi o mais alto grau da Loja. Eu tenho...

E3: 33.

R: Não, grau homenagem, eu recebi... como foi o grau... De Dom Pedro II.

E: Certo.

R: Dom Pedro II.

E2: A comenda Dom Pedro I.

R: Pedro I. Recebi anteontem. Está aí, já botei no quadro.

E: Anteontem.

R: É, recebi anteontem.

E: Certo.

R: Aí já botei no quadro.

E: Hum, hum. Muito bem.

R: Está aí a minha comenda.

E2: Honra ao Mérito de Dom Pedro I. Eu tenho um irmão que é Maçom no Espírito Santo, em Linhares.

E4: É o maior grau.

R: O maior grau da maçonaria é esse aí.

E: De Dom Pedro?

R: Dom Pedro I.